

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi, 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, Enciclopaedia Britânica do Brasil, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

JOSPIASSU, Hilton & DANILO, Marcondes. **Dicionário básico de filosofia**. 2ª ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

LALANDE, Andre. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Trad Fátima Sá Correia et al, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Livros

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2 ed, São Paulo: Moderna, 1986

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Podemos ver que a educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto, sendo a prática social o ponto de partida e ponto de chegada da ação pedagógica.

Percebe-se que Rousseau formulou princípios educacionais que permanecem até nossos dias, principalmente quando afirmava que a verdadeira finalidade da educação era ensinar a criança a viver e aprender a exercer a liberdade. A pedagogia naturalista apresentada por ele provocou uma grande revolução no campo educacional, sendo considerado um dos melhores e mais reproduzidos livros no século XVIII. Portanto a nova proposta pedagógica sugere um ensino natural, que seja voltado para o ser humano, com princípios inovadores que possam valorizar a criança como um ser em constante formação, respeitando suas etapas de desenvolvimento como o aspecto físico, intelectual e moral.

Nota-se que o princípio essencial da pedagogia de Rousseau é o da atividade, onde a aprendizagem é dada através da própria experiência e capaz de construir seu próprio conhecimento partindo da sua vivência e das propostas colocadas pelo mestre. O aluno não deve ter limite no ensino, por isso não deve entregar o conteúdo pronto, programado, deve-se orientar e deixar que ele busque o conhecimento voltado para a realidade, ou seja, para a natureza.

Entende-se que é natural que a educação respeite o crescimento da criança, pois não deve querer que ela aprenda tarefas de adulto, pois não está na fase de aprender.

Rousseau foi quem percebeu a diferença entre a mente da criança e do adulto e que cada fase da vida tem suas características próprias. Para ele o processo educativo deve acompanhar todas as fases de crescimento como a infância, a adolescência e a juventude, sendo uma educação permanente, variando de acordo com os estágios de desenvolvimento e amadurecimento. Sendo respeitada e valorizada a partir do desenvolvimento de suas aptidões natas.

CONCLUSÃO

precauções se até a idade prescrita eles não pudessem adquirir nenhuma experiência⁸?

É preciso impedir que um jovem que está cego pela ignorância ou enganado por paixões se faça mal a si mesmo, porque em qualquer idade é permitido fazer o bem e também se proteger, mesmo que está sob a direção de um homem sábio e infeliz que não tem necessidade senão de apoio.

O amor por is mesmo deve transformar-se amor pelos outros. As paixões são instrumentos de nossa conservação, deve-se transformar em estratégias de defesa da comunidade. Para Rousseau nesta fase os instintos, as paixões, confrontam-se com as leis da realidade, com a resistência das coisas, com os limites que elas nos estabelecem e, ao mesmo tempo, com os pontos de apoio que elas oferecem, devem transfigurar-se na mais ampla lógica da racionalidade natural.

Como é preciso ser curto de vista para não ver nos desejos nascentes de um jovem senão um obstáculo às lições da razão! Eu vejo nisso o verdadeiro meio de o tornar dócil a essas mesmas lições. Só se tem domínio sobre as paixões pelas paixões; é pelo domínio sobre elas que cumpre combater-lhes a tirania, e é sempre da própria natureza que é preciso tirar os instrumentos suscetíveis de regrá-la⁹.

Rousseau nos passa que todos que falam da educação dos jovens seguem os mesmos preconceitos, porque observam mal e refletem mal. Ele diz que não é nem pelo temperamento nem pelos sentidos que começam a perdição da juventude e sim pela opinião.

⁸ Op. Cit. p284.

⁹ Op. Cit. p388.

A concepção de homem para Rousseau não opera com a noção de gênero, mas com a idéia de indivíduo, um ser naturalmente isolado, único.

Através da educação moral e que o jovem começa a sentir que a sua existência moral deve, então indagar, questionar sobre as relações com a humanidade, porque esta é a ocupação própria de toda sua existência.

Para Rousseau o jovem deve ser educado para a vida em comum e para as relações sociais. O amor aos semelhantes deve tornar-se a força motora principal, o desenvolvimento emocional e a perfeição moral, o objetivo.

Dos primeiros movimentos do coração, surgem as primeiras manifestações da consciência e dos primeiros sentimentos de amor e de ódio decorrem as primeiras noções do bem e do mal. A base de tudo isso é a vida afetiva.

Somente na adolescência e mais tarde é que deveria empenhar em fornecer conhecimento mais amplo e estabelecer ligação com a vida social por meio da educação moral.

O importante é instruir o jovem por meio de ações e não com discursos, as ações e os exemplos falam mais do que as palavras, pois todos os preceitos da retórica não se afiguram, senão em puro palavratório, sem alcançar o objetivo de persuadir e de tornar-se útil, a partir da prática e da experiência os resultados da aprendizagem, tornam-se mais marcantes e visíveis. Que o jovem não seja levado pelas paixões, nem pelas opiniões alheias, aprendendo a ver com seus próprios olhos, a ter suas próprias conclusões e a sentir amor e respeito pelo próximo, mas sem deixar que outros se manipule, sendo governado pela sua própria razão.

Rousseau diz que para viver na sociedade é preciso saber tratar as pessoas; é preciso conhecer os instrumentos que tem influencia sobre eles, é necessário saber do interesse particular na sociedade civil e prever os acontecimentos que raramente nos enganam em nossos empreendimentos.

“As leis não permitem que os jovens realizem eles próprios seus negócios e disponham de seus próprios bens: mas de que serviriam tais

existência. O homem que mais viveu não é o que conta mais anos, mas aquele que mais sentiu a vida⁵.

Todas as paixões jovens negativas são prejudiciais à pessoa, sendo elas de origens externas a natureza humana, o homem é que se apropria delas para seu prejuízo. Por isso a educação do jovem deve ser simples, segundo os movimentos da natureza que lhe dará paixões ternas e afetuosas, levando-o a ser sensível aos problemas de seu próximo, dando-lhe alegria de viver.

É importante despertar o coração do jovem para a sensibilidade e a bondade, ou seja, para a prática das virtudes morais, mostrando-lhe que a falta dessas virtudes no coração humano produz sentimentos negativos.

Creio que a fisionomia é simplesmente traços de desenvolvimento já colocados pela natureza.

A fisionomia anuncia o caráter e como pode julgar um pelo outro, sem buscar explicações misteriosas, que supõem conhecimentos que não temos.

“Tornai os progressos lentos e seguros; impedi que o adolescente se faça homem no momento em que nada lhe resta para fazer, a fim de o ser⁶”.

Para Rousseau o reconhecimento é um sentimento natural e que deve agir como os outros como querem que haja conosco.

Rousseau mostra que não há verdadeiro progresso de razão no ser humano, porque tudo o que se ganha por um lado perde por outro. “Nossos espíritos são como nossos braços, exercitados em tudo fazerem com instrumentos e nada sozinhos⁷”.

O ser humano muda de gosto com o passar dos anos e não, desbloqueia as idades como não devemos deslocar as estações, é preciso ser si mesmo em todos os tempos, e não lutar contra a natureza, esses esforços usam a vida e nos impedem de usá-la.

Rousseau tenta ver com mais clareza o termo igualdade, ou melhor, a idéia que nos leva a dizer que os homens são iguais. Um critério que fundamenta, explica ou justifica tal modo de encarar os homens é o que chamamos de natural, ou seja, o que faz os homens iguais é o fato de possuírem a mesma natureza, participarem todos de igual modo do único gênero humano.

⁵ Rousseau, apud, Voltaire, p203.

⁶ Op. Cit. p234.

⁷ Op. Cit. p408.

“Fizeram o amor cego porque tem melhores olhos do que nós e vê relações que não podemos perceber³”.

Neste período o indivíduo ainda não é nem criança nem homem, sendo um pequeno jovem cheio de força. Há um brilho em seus olhos e em sua face, surge um novo anseio, uma força de espírito surpreendente, mas nota-se ainda uma santa inocência em suas ações.

O amor que devemos ter com os outros, deve tomar a força motora, o desenvolvimento emocional e a perfeição moral. Nesta fase o jovem deve dedicar-se ao estudo e as suas relações com os outros. O professor com sua capacidade, deve cuidar de afastar do aluno as más paixões, crueldade, inveja, egoísmo etc.

Para Rousseau esta fase tinha fundamental importância, em que o homem torna-se plenamente apto em termos sexuais. O jovem com mais de vinte anos já está formado, forte dotado de razão, de bondade, bons costumes, já é capaz de amar e fazer o bem, não tendo medo de carecer de ajuda, em nenhuma circunstância.

“Queremos obter a preferência que damos; o amor deve ser recíproco. Para ser amado é preciso tornar-se mais amável do que outro, do que qualquer outro, ao menos aos olhos do objeto⁴”.

Para Rousseau a puberdade, o sexo, é visto como o fator mais importante da vida do jovem, com isso, surge à vida social do jovem. Com o surgimento dos mais altos sentimentos, a vida moral evolui naturalmente.

Naturalmente, os jovens são todos iguais a sua vocação comum é o estado de homens e, qualquer indivíduo que seja bem educado para isso, não pode exercer de maneira ruim esse estado. Pouco importa qual destino o jovem tenha, seja para Igreja, advocacia etc.

Segundo Rousseau, antes mesmo da vocação dos pais, a natureza o convida para a vida. Viver é o trabalho que a natureza quer ensinar, pois o verdadeiro estado é o da condição humana.

Viver, não respirar, é agir, é fazer uso dos nossos órgãos, dos nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos, que nos dá o sentimento de nossa

³ Op. Cit. p94.

⁴ Op. Cit. p238.

Jovem

Em geral o homem não nasce para permanecer sempre na infância. Essa fase é prescrita pela natureza, e nesse momento embora curto, mas ocorre crise, influências demoradas. Uma mudança de humor que se altera, juntam-se modificações sensíveis no aspecto.

“Sua voz muda, ou antes, ele a perde, não é nem criança nem homem e não pode pegar o tom de nenhum dos dois¹”.

Para Rousseau o homem nasce por duas vezes, no segundo nascimento é que o homem nasce verdadeiramente para a vida e nada que existe de humano é estranho. Esta fase é que termina a educação comum, é necessário o jovem iniciar, para expor a nova fase, deve analisar o estado das coisas que a ele se referem.

Já é da natureza do homem ter paixão, e a principal fonte da paixão é o amor a si mesmo, a única que nasce com o homem e acompanha durante sua vida, essa paixão primitiva, que o homem tem antes de qualquer outra paixão. Enquanto as outras podem sofrer modificações, modificações essas que na maioria das vezes faz com que o homem se encontra fora da natureza e se põe em contradição consigo mesmo.

O amor a si mesmo é aquele que só diz respeito a nós mesmos, mas o amor próprio é oposto, nunca está satisfeito e não poderia estar, porque qual sentimento que nos referimos aos outros, é necessário que os outros também nos defiram, o que é impossível.

O estudo conveniente ao homem é o de suas relações. Enquanto ele só se conhece pelo seu ser físico, deve estudar-se em suas relações com as coisas: é no que se emprega sua infância. Quando começa a sentir seu ser moral, deve estudar em suas relações com os homens: é no que se emprega sua vida inteira, a começar pelo ponto a que chegamos².

Segundo Rousseau, é da natureza um sexo ser atraído pelo outro, por isso o jovem necessita de uma companheira, sendo assim ele não se sente mais um ser isolado, sua primeira paixão faz com que fermentem as outras.

¹ Jean-Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, Rio de Janeiro: Bertrand, 1992, p135.

² Idem, p237.

quando, deixando de mentir, começam a sentir o que dizem⁸.

Enquanto o adolescente não conhece a existência física, o estudo se restringe as relações com as coisas, enquanto isso ele faz parte da infância. Nesta fase a adolescência é capaz de criar, seus membros são moles e aptos a crescer e a receber força e vigor do calor natural. E por isso o adolescente cresce com toda grandeza que lhe é dada pela natureza.

Para o adolescente tornar-se sensível e piedoso, é necessário que ele saiba que há alguém semelhante a ele que sofre o que ele sofreu, e que sinta as mesmas dores que ele sentiu, e os outros devem ter a idéia que podem sentir também. Nos sofremos quando julgamos que ele sofre, não somos nós que sofremos, é nele que sofremos.

Nesta fase o adolescente torna-se consciente de si mesmo, é o momento da vida em que o racional desperta, sendo um ser isolado, o adolescente não desfruta ainda da vida moral.

Rousseau afirma que o adolescente devia fazer, sem a ajuda dos outros, aquilo que ele é capaz de fazer por si mesma, o período do nascimento aos 12 anos é a época em que nascem vícios, os carinhos exagerados provocam vícios.

⁸ Op. Cit. p248.

“Exercitai os sentidos não quer dizer somente usá-los, mas aprender a julgar bem através deles, ou seja, por assim dizer, aprender a sentir, por que não sabemos tocar, nem ver, nem ouvir senão no modo pelo qual aprendemos⁶”.

Por isso é importante educar a criança a desenvolver livremente a necessidade de mover-se, de brincar e de tomar posse de seu próprio corpo.

A educação começa pelo desenvolvimento das sensações, dos sentimentos, pois antes da idade da razão existe uma razão sensitiva. Por isso, é importante não impedir os instintos, os sentidos, as emoções, os sentimentos que são anteriores ao seu pensamento elaborado.

“Lembra-vos sempre de que o espírito de minha instituição não é ensinar a criança muitas coisas e sim não deixar entrar em seu cérebro senão idéias justas e claras⁷”.

Rousseau mostra que o verdadeiro trabalho educacional consiste em estimular o desenvolvimento dos sentimentos positivos e verdadeiros. Mas assim o processo educacional não deve enfatizar tão somente a transmissão racional dos conhecimentos, mas ter como objetivo primordial o desenvolvimento psicológico e a evolução madura dos sentimentos, pois essa base essencial, tudo o torna mais desprovido de autêntico significado e valor.

O importante não é ensinar a partir de métodos abstratos, que transmitam poucas idéias, mas sim o contato direto com o material que é necessário para o seu estudo. Para Rousseau é importante deixar ele criar situações de confronto com o novo, procurando oportunidades para que o aluno possa explorar a realidade que o rodeia.

Precisa-se ter cuidado para que não ocorra oposição e nem desejos de superação, que a relação com o outro e com o novo ocorra de forma objetiva e participativa.

Para Rousseau a adolescência não é a idade da vingança nem do ódio, é a da clemência, da generosidade.

Vós os ensinai desde tão cedo a representarem o sentimento, vos lhes ensinai tão logo essa linguagem que, falando sempre no mesmo tom, eles voltam vossas lições contra vós e não vos deixam nenhum meio de distinguir

⁶ ROUSSEAU, apud. Giovanni REALE & Dário ANTISERI, *História da filosofia*, p774.

⁷ Jean-Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da Educação*, p181.

Através de demonstrações práticas o aluno aprenderá a racionar ao invés do professor se precipitar e racionar no lugar dele, sua memória e suas capacidades intelectuais serão exercitadas. Uma longa experiência o ensina a tirar proveito de si mesmo, proporcionando-lhe o verdadeiro estudo que necessitado no momento presente. Com certeza aprendemos noções bem mais claras e seguras das coisas que aprendemos assim por nós mesmos, que das que recebemos ensinamentos de outras pessoas. Sendo assim não acostumamos nossa razão a submeter-se a autoridade, tornando-se assim capaz de ligar idéias, inventar instrumentos, sem pegar tudo pronto.

Tomai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza, muito breve o tornareis curioso. Mas para alimentar sua curiosidade, não vos ponde os problemas ao seu alcance e deixai-o que os resolva. Que nada saiba, porque vós lho dissertes, e sim porque o compreendeu sozinho⁴.

Rousseau mostra que o adolescente deve estar bem interessado nas coisas que pretende realizar e que os adultos devem estar inteiramente atentos ao adolescente, sempre observando, fiscalizando sem parar, sem que ele perceba.

“Na procura das leis da natureza, começai sempre pelos fenômenos mais comuns e mais sensíveis, e acostumai vosso aluno a não tomar esses fenômenos por razões e sim por fatos⁵”.

Para Rousseau, não adianta falar palavras bonitas, sem que sejam entendidas, é importante falar de maneira simples, mas que a criança entenda. Nesta fase é preciso que o adolescente desenvolva uma educação intelectual, a atenção do jovem para as ciências, da física à geometria e a astronomia, através de um contato direto com as coisas da natureza, com o objetivo de conseguir regularizar e, portanto a necessidade da natureza. É a fase em que os instintos e as paixões comparam-se com as leis da realidade, com a força das coisas, com os limites nas quais estabelecem e, ao mesmo tempo, com os pontos de apoio que elas nos oferecem, devem se transformar na mais ampla lógica da racionalidade natural.

⁴ Op. Cit. p176.

⁵ Op. Cit. p189.

Adolescência

Segundo Rousseau a adolescência começa a partir dos 12 anos e termina aos 15 anos. Ele denominou essa fase a idade da razão, fase em que surge o julgamento racional. Neste período a criança se desenvolve mais rápido que suas necessidades. “A mais violenta, a mais terrível não se faz sentir; o próprio órgão permanece imperfeito e parece, para sair da imperfeição, esperar que sua vontade o leve a isso¹”.

O adolescente enfrenta as coisas sem dificuldades, se sente sono é capaz de dormir até no chão, vê por toda parte tudo que é necessário e nenhuma necessidade imaginária o atormenta, quer que toda opinião seja aceita. Mas este é o único momento de sua vida em que isso acontece, nesta fase o adolescente deve participar de forma ativa das atividades educacionais.

“Esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que deseja, embora não seja o tempo de sua maior força absoluta, é como já o disse, o de sua maior força relativa²”.

Esse é o tempo mais precioso que o adolescente tem, por isso deve empregá-lo bem, por que esse tempo só ocorre uma vez em sua vida. Durante esse período o adolescente aprende fazendo, desenvolvendo sua criatividade e poder de reflexão. Estabelecendo-se um programa de ensino para essa fase, com o objetivo de não fornecer conhecimentos prontos ao aluno, mas ensiná-lo a maneira de como adquirir de acordo com suas necessidades. A inteligência humana tem seus limites. Nunca um homem pode dizer que sabe tudo, há, portanto uma escolha nas coisas que devemos ensinar, bem como no momento em que devem ser apreendidas. Dos conhecimentos que podem ser alcançados uns são falsos, outros úteis. Não se trata de saber tudo o que existe, mas o que é verdadeiramente útil.

“Ensinaí a criança tudo o que é útil a sua idade e vereis que todo seu tempo estará mais do que cheio³”.

¹ Jean-Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, p173.

² Op.Cit. p173.

³ Op. Cit. p191.

a assustá-la, fazei com que o hábito as tranqüilize. Com uma gradação lenta e cuidadosa tornam-se intrépidos o homem e a criança⁷.

Sabendo que no início da vida, memória e a imaginação são inatas, a criança só é capaz de prestar atenção das coisas que afetam seus sentidos no momento, e que suas sensações é o principal material de seus conhecimentos, oferecendo ordem conveniente para compor a memória e fornecer um dia na mesma ordem conforme entendimento. É importante mostrar bem distintamente a ligação dessas sensações com os objetos que as provocam.

Ela quer meter a mão em tudo, tudo manejar: não contrarieis essa inquietação; ela lhe sugere um aprendizado muito necessário. Assim é que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar seu tamanho, de sua forma e de todas as suas qualidades sensíveis, a olhando, apalpando, ouvindo e principalmente comparando a vista ao tato, estimando pelo olhar a sensação que provocariam em seus dedos⁸.

Através do próprio movimento que ela adquire a idéia da extensão. A criança não tem essa idéia, que estende indiferentemente a mão para apanhar o objeto que está perto ou longe dela.

O primeiro sentimento de uma criança é de amar a si mesma; o segundo, que deriva é de amar aos que dela se aproximam, pois, no estado de fraqueza em que se encontra, ela não conhece ninguém a não ser pela assistência e os cuidados que recebe⁹.

Rousseau vê um meio de conservar a inocência das crianças, é que todos devem respeitá-las e amá-las. Elas fazem perguntas embaraçosas que ocorre naturalmente às crianças e as respostas certamente são indiscretas. Para compreender a infância o homem precisa olhar a vida com simplicidade. Enquanto o mundo físico é harmonioso, o mundo humano é egoísta e cheio de conflitos. Os males sociais e a educação oferecida aos jovens são responsáveis por esses conflitos.

⁷ Op. Cit. p44.

⁸ Op. Cit. p45

⁹ Op. Cit. p236.

para formar pouco a pouco as suas sensações representativas que lhes mostram os objetos fora de si mesmo.

“Repito-o a educação do homem começa com seu nascimento; antes de falar, antes de compreender, já ele se instrui. A experiência adianta-se as lições, no momento em que conhece sua ama, já muito lhe adquiriu⁴”.

Na infância a criança sempre é alertada sobre a importância do amor que devemos ter com o próximo, e a única lição de moral que convém é de não fazer mal a ninguém.

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. A infância tem certos modos de ver, de pensar, e de sentir inteiramente especiais: nada é mais tolo do que querer substituí-los pelos nossos⁵”.

Toda fase de desenvolvimento deveria ter um caminho livre da própria natureza da criança, de suas inclinações naturais. O maior mal que causam as crianças é fazer com que elas falem antes da idade, isso não quer dizer que as primeiras palavras que elas dizem e as primeiras que nos falam não tenham para elas nenhum sentido, mas que tenham um sentido diferente do nosso, mas sem perceber.

“Essa nossa falta de atenção com o verdadeiro sentido que as palavras tem para as crianças parece-me ser a causa de seus primeiros erros: e tais erros, mesmo depois de se corrigirem, influem em seu espírito durante a vida toda⁶”.

Para Rousseau a criança tem mais palavra que idéia, elas conseguem falar mais coisas do que pode pensar, nesta fase elas aprendem falar seu nome, dos seus pais e sua idade. Na infância suas necessidades não são todas desenvolvidas, suas forças, no momento atual são mais do que suficiente, para provê-las. Na infância elas são representadas com maior frequência, mas nem sempre são caracterizadas por algo além de seu tamanho.

Segundo Rousseau, uma criança não deve conhecer outros superiores que não seja os pais, ou seja, se acontecer deles faltarem.

Observei que as crianças raramente têm medo do trovão, a menos que sejam tremendos e firam realmente o ouvido; a não ser assim esse receio só lhes vem quando aprendem que o trovão fere e mata às vezes. Quando a razão começar

⁴ Op. Cit. P42.

⁵ ROUSSEAU, apud. REALE, Giovanni & ANTISERI, Dário, *História da filosofia*, p774.

⁶ ROUSSEAU, Jean Jacques, *Emílio da educação*, p57.

puramente mecânicos, desprovidos de conhecimentos e vontade¹.

Na fase de cinco a doze anos, a criança deve agir livre, sendo despertada por seus modos, sua criatividade e se desenvolvendo pelo livre exercício de suas intenções infantis em sua evolução natural. E a educação deve consistir em não determinar algo que contrarie as inclinações naturais da criança. Durante essa fase a educação deve ser negativa que, representa a ausência de todo e qualquer procedimento tradicional de ensino, e a educação moral deve ser conseqüência natural da criança. Não convém forçar ou modelar o espírito da criança através de imposição de idéias que ela não é capaz de entender. Para a natureza não é necessário ensinar a criança a ler, não se deve transmitir a ela conhecimentos e sim treinar os seus sentidos através de contato íntimo com forças e fenômenos da natureza.

Desta maneira a criança aprende a julgar, prever e relacionar sobre tudo que compõem seu inverno. "Exercitai o corpo, os órgãos, os sentidos e as aptidões, porém que ela mantenha sua alma em repouso tanto quanto possível²".

Durante esta fase a educação terá um longo treino dos sentidos obtidos com o contato direto com a natureza. Através dessa vivência ela vai conseguir a pensar, contar, medir, comprar, ou seja, construirá suas regras e conceitos próprios, descobrindo novos princípios necessários de boa convivência com o mundo que vive.

Rousseau foi o primeiro a ver claramente a diferença entre a mente da criança e a do adulto e também a entender que as crianças tinham a maneira de ver, sentir, de ter idéias próprias, desejos, mas do jeito delas de acordo com o seu desenvolvimento sem ter nada a ver com os adultos. Antes do pensamento dele a criança era apenas um homem pequeno, em estado temporário, que devia desaparecer o quanto antes.

"Até Rousseau a criança era considerada um pequeno adulto em miniatura, a ser tratada por padrões adultos, aprendendo coisas de adultos³". As primeiras sensações das crianças são puramente afetivas, não percebem senão o prazer e a dor, não podendo nem andar, nem pegar. Precisam de muito tempo

¹ Jean Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p41.

² ROUSSEAU, apud. Nelson PILETTI & Claudino PILETTI, *História da filosofia*, p90.

³ ROUSSEAU, apud, Op. Cit. p92.

“Vejo em teus olhos, criança,
Docemente refletida,
Uma inocente esperança,
Sorrindo aos mares da vida”.
Aparício Fernandes

Infância

Para Rousseau nascemos sensíveis e desde o momento em que nascemos somos molestados, educados de diversas maneiras.

A primeira infância vai do nascimento aos quatro anos e é a fase em que mais se precisa de acompanhamento, cuidado e ensinamentos.

Na primeira infância o objeto da educação é o crescimento do corpo, o desenvolvimento das criatividades motoras e da percepção sensorial, o desabrochar dos sentimentos. É necessário que a educação respeite o crescimento natural da criança, pois não é um adulto, não é certo estudar disciplinas de adulto, línguas como acontecia.

Na primeira infância ela é submetida a várias restrições como o aperto de roupa, a falta de liberdade, que atrapalham os movimentos que a criança tem. Ela deve agir espontaneamente sendo guiada pelos seus gostos. Só depois desta fase é que ensinam outras coisas, palavras e tentar fazer com elas aprendam é necessário.

Nascemos capazes de aprender, mas não sabemos nada, não conhecemos nada. A alma acorrentada seus órgãos imperfeitos e semiformados, não tem-se sequer o sentimento de uma própria existência. Os movimentos, os gritos da criança que acaba de nascer, são efeitos

II
Capítulo

AS FASES DO DESENVOLVIMENTO

Tanto a sociedade quanto o desenvolvimento do homem se modificam e é por isso, que a educação é fundamental a essa adaptação. Para Rousseau o indivíduo não deve ser sacrificado aos caprichos da sociedade, a educação assume um papel de destaque. Se cada fase da vida tem a sua existência própria, a educação inicial não mais poderia ser considerada uma preparação a vida.

A contribuição de Rousseau para a educação infantil é inestimável. O método da natureza vale para todas as coisas, lembrou as mães à importância da amamentação aos seus filhos. Disse que não se deveria moldar o espírito das crianças de acordo com um modelo estabelecido.

Rousseau formulou princípios educacionais, que permanecem até os nossos dias, principalmente quando afirmava que a verdadeira finalidade da educação era ensinar a criança a viver e aprender a exercer a liberdade.

A educação não é somente uma herança que vem passando de uns para outros e sim um processo contínuo que dura toda a vida. Por isso, não deve forçar a criança a aprender coisas que não tem condições, que não esteja de acordo com a maturidade. Pois ela terá o processo de desenvolvimento que será transformado de forma agradável, equilibrada e natural. Rousseau foi quem entendeu a maneira da criança ver, sentir, de ter idéias próprias, desejos, mas do jeito delas, de acordo com o seu desenvolvimento, sem ter nada a ver com os adultos.

“Aconteça o que acontecer, abandonai tudo que torna penosa a tarefa da criança, porque só é de importância que ela nada faça contra a sua vontade não que aprenda muito⁶”. Nesta fase a educação deve ser negativa e a educação moral deve ser consequência natural do desenvolvimento da criança. Não se deve forçar ou modelar o espírito da criança através da imposição de idéias que ela não entende.

Pouco importa se a criança não sabe nada, desde que não engane, ensine a verdade apenas para aprender, porque se nunca errasse nunca aprenderia nada. Para Rousseau, não se educa a criança nem para Deus, nem para a vida em sociedade, mas sim para si mesma. Este é o período em que o adolescente educa o coração, para a vida em comum e as relações sociais. A educação deve ser simples como a natureza. “A pior das educações consiste em não deixá-la flutuar entre suas vontades e as vossas, em não vos disputardes sem cessar para saberdes quem será o senhor, preferia cem vezes que ela o fosse sempre⁷”.

Rousseau diz que a educação da criança deveria começar antes que falasse e compreendesse a distinguir os objetos que fosse diferente uns dos outros.

Par ter uma boa educação é necessário ensinar as ciências, mas dar o prazer de amá-las e os métodos para compreender. Para ele os verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento, e nunca o homem se sente melhor, o que mais convém ao homem são as relações que ele mesmo encontra.

⁶ Op. Cit. p234.

⁷ Op. Cit. p77.

aprender. Nem tudo que a criança faz ou diz, vai ter o mesmo significado para o adulto, a criança muitas vezes faz ou repete atos sem saber se é certo ou errado, por que ainda não é capaz de medir as conseqüências que pode causar, pois seus sentimentos e suas idéias não possuem discernimento suficiente para diferenciar o conceito de bem ou mal.

Geralmente o homem tem o hábito de se levantar e se deitar com o amanhecer e o anoitecer. De acordo com a natureza o homem e os animais tem necessidade de dormir mais tempo no inverno do que no verão.

Por isso é importante corrigi-la, mas de maneira em que a criança não vai ficar com trauma, aceitando a natureza agir no lugar dela, é preciso que a criança ou o fruto amadureça no tempo certo.

É importante que a criança tenha um longo sono, porque durante o sono ela faz um exercício extremado. O tempo certo para repousar é à noite, isto é, marcado pela natureza.

Para Rousseau o ensinamento do material educativo deve ser construído pelos fatos e fenômenos da natureza, reforçou substancialmente a tendência da educação moderna.

A educação começa com a vida e na educação se deve proceder gradualmente, acomodando-a as diversas fases do desenvolvimento: infância, adolescência e a juventude. Para ele a educação há de ensinar a viver, há de ser ativa e há de realizar-se em ambiente de liberdade. Que a educação há de atender tanto o aspecto físico, como intelectual e moral, e nela o sentimento a vida afetiva tem de ocupar lugar importante, como a razão, ou seja, que a educação deve ser integral, total e humana.

O que a educação humana exige primeiro é a liberdade. Mas essa liberdade não é ilimitada, é regulada pela necessidade, pela força das circunstâncias naturais, que subsistem o mundo e a obediência social e artificial.

O princípio essencial da pedagogia de Rousseau é o da atividade, ou seja, a aprendizagem pela própria experiência, ao invés de pelo ensino alheio. “Não desanimei nem me apressei; a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para ganhá-lo⁵”.

⁵ Jean Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p142.

educação constituída por uma liberdade bem ordenada, onde a criança será conduzida para a prática de suas capacidades, ou seja, com seus dons e talentos. Quando o homem age livre, ele faz apenas o que deseja e o que o realiza, ou seja, o que lhe agrada.

Rousseau afirmou que a educação não vem de fora, é a expressão livre da criança no seu contato com a natureza.

Um dos aspectos da educação natural está em não aceitar uma educação intelectualizada, levando ao ensino formal ou livresco. O homem não é constituído apenas por intelecto, pois suas disposições primitivas, tais como os sentidos, os instintos, as emoções e os sentimentos existentes do pensamento elabora dimensões mais dignas de confiança. Ele utiliza-se de novas idéias para combater as que prevaleciam em sua época, principalmente a de que a educação da criança deveria ser voltada aos interesses do adulto e da vida adulta, introduz a concepção de que, a criança é um ser com características próprias, e desse modo não podia ser vista como um adulto ou a partir de seu pensamento.

Com essas idéias, derrubou concepções vigentes que, pregavam ser a educação o processo pelo qual a criança adquire seus conhecimentos, atitudes e hábitos armazenados pela civilização sem transformações.

Educar para as exigências do novo pacto social é empresa árdua, que exige coragem e força. Com efeito, não se trata de abandonar o homem à voz dos instintos, mas sim de educá-los para que se deixe subjugar a voz superior da razão⁴.

É necessário uma educação criativa, atuante com regras práticas e dinâmicas, com o intuito de ensinar a partir da experiência adquirida com a vida e de um contato direto com a natureza. A natureza abrange tanto os instintos naturais, as emoções primitivas, as primeiras impressões dos indivíduos, quanto tudo o que não é humano, como os animais, as plantas, os fenômenos e os elementos físicos com os quais deve ser feita a educação.

A educação é inata, ou seja, um processo natural e não artificial, e deve acontecer através das forças da natureza. É necessário que a educação respeite o crescimento natural da criança, não é o certo forçar a criança a aprender tarefas de adulto, sabendo-se que ela ainda não está na fase de

⁴ ROUSSEAU Apud, Giovanni REALE & Dário ANTISERI, *História da filosofia*, p772.

Locke diz que uma boa educação está em fazer um homem bom, no caso se a criança entendesse através da razão, não teria necessidade de ser educado.

Rousseau ensina que deve tratar a criança de acordo com a idade e que antes de tudo deve se colocar no seu lugar e permanecer de maneira que não possa sair dela. Ao passo que tornar a criança paciente, calma, mesmo quando não tiver alcançado o objetivo que precisa, isso, já vem da natureza do homem, aceitar com paciência a necessidade das coisas e não com má vontade.

A primeira educação deve, portanto ser puramente negativa e ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro.

“Não posso cansar-me de dizer que para ser o mestre da criança é preciso ser seu próprio mestre²”. Existem crianças que tem temperamentos dóceis e tranqüilos que podem ser levados sem perigo para sua inocência, enquanto há também aqueles violentos que se desenvolvem rápido e que precisamos apressar e tentar fazer deles homens, para não sermos obrigados a acorrentá-los. Os primeiros deveres, os sentimentos simples da criança, estão sempre concentrados nela mesma. Todos os movimentos naturais dizem respeito primeiramente a nossa conservação e ao nosso conforto.

“Educar para as exigências do novo pacto social é empresa árdua que exige coragem força. Com efeito, não se trata de abandonar o homem à voz superior da razão³”.

Podemos ver que a única lição de moral que se deve passar a infância, e a mais importante em qualquer outra idade, é a de não fazer mal a ninguém.

A educação é adquirida através do desenvolvimento das sensações, dos sentimentos, pois antes da idade da razão, existe uma razão sensitiva.

Quando a criança não tem a idade da razão ela não recebe idéias e sim imagens que não passam de meras noções dos objetos que a cerca e o prazer que eles lhe oferecem.

Pode perceber-se que a espontaneidade e a experiência, além de ser valorizada é considerada melhor conselheira no processo educacional. Uma

² Op. Cit. p84.

³ Idem, p772.

“O maior pecado do ser humano é ignorar suas forças interiores, seus poderes criadores e sua herança divina.

_ Estuda-te...

Vê quanta coisa és capaz de fazer!”

O. S. Marden

Rousseau preocupa-se em criar e elaborar uma proposta destacando com grande interesse a importância de uma educação natural e ao mesmo tempo renovar, orientando o ser humano, baseando-se na liberdade.

O essencial é formar o Homem para ser Homem, tendo uma vida digna, honesta e não somente para conseguir cargos de magistrados ou doutorados.

Para ele tudo que não temos quando nascemos é que precisamos quando estivermos adultos, e é através da educação que nos é dada.

Essa educação nos vem da natureza, do homem ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza, o uso que nos ensinam a fazer desses desenvolvimentos, é a educação dos homens, e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que afetam é a educação das coisas¹.

Para a sociedade todos os lugares estão marcados, então cada um deve ser educado para si próprio.

Segundo Rousseau a educação do pobre era obrigatória, não teria condições de ter outra ou ser diferente, enquanto a do rico teria melhor condição que convém para si próprio, como para a sociedade. Para ele a nossa maneira de educar é sempre a de ensinar, enquanto as crianças poderiam aprender bem melhor sozinhas usando a sua própria sabedoria.

¹ Jean Jacques ROUSSEAU, *Emílio da Educação*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p11.

I
Capítulo

EDUCAÇÃO

“Devaneios de um caminhante solitário”, dedicado ao tema predileto da natureza e dos sentimentos do homem pela natureza.

Depois se mudou para Ermenonville, para um pavilhão na propriedade do marquês René de Giardin. Na Ilha Peupliers no lago de Ermeno, foram removidos para o Panteon em Paris, durante a revolução.

embaixador não reconheceu seus esforços, além de o camareiro sabotá-lo, criando-lhe dificuldades. Com a morte do pai, Rousseau recebe uma pequena herança e pode sobreviver mais folgadoamente, e cultiva sua amizade com Diderot e liga-se a vários outros intelectuais.

Rousseau leu o anúncio de um concurso da Academia de Dijon e sentiu grande emoção ante a perspectiva de concorrer com êxito. A questão era se a restauração das ciências e das artes tinha tendido a purificar a moral. No discurso sobre as ciências e as artes, Rousseau articulou o tema fundamental que ocorre através da sua filosofia social: O conflito entre as sociedades modernas e natureza humana e ressalta o paradoxo da superioridade do estado selvagem, proclamando a "volta à natureza". Um amigo que estava para viajar a Genebra convida-o a acompanhá-lo e Rousseau aproveitava a oportunidade para visitar a terra natural.

Na floresta de Montmorency Rousseau sonhava com o amor e concebeu um delineamento para uma novela baseado na correspondência entre dois jovens amantes. Ele publicou seus mais conhecidos trabalhos, *Émile*, um tratado sobre a educação, e o "contrato social", um importante trabalho de filosofia política. Depois de dois anos e meio em Valde-travers, em Motiers, Rousseau não suportou mais os perigos em que se achava com Theresé. Sua casa em setembro de 1765, foi apedrejada durante uma noite. Foi para a ilha de Saint-Pierre. Porém a ilha era patrimônio do hospital de Berna. Não demorou que recebesse uma intimação para deixá-la em 24 horas. Rousseau não sabia como atender a ordem de sair em vinte e quatro horas.

Estivera trabalhando em uma constituição para a Córsega, e então pensa refugiar-se lá.

Na França Rousseau tomou o nome de Renou, escondendo-se no castelo de Irye, refúgio que lhe foi cedido pelo Príncipe de Conti. Depois mudou para Paris disposto a defender-se. Reassumiu seu nome verdadeiro, mas não foi molestado. Ainda obcecado pela idéia de justificar-se perante a sociedade, ele escreveu *Jean-Jacques*. Durante os últimos dois anos de sua vida seu estado mental foi menos pesado, levou uma vida reclusa com Teresa, aceitou receber alguns jovens visitantes e escreveu o mais sereno e delicado de seus trabalhos,

Jean-Jacques Rousseau foi um dos mais considerados pensadores europeus no século XVIII. Sua obra inspirou reformas políticas e educacionais, e tornou-se mais tarde, a base do chamado Romantismo. Lançou sua filosofia não somente através de escritos filosóficos formais, mas também em romances, cartas e na sua autobiografia.

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, em 28 de junho de 1712, e faleceu em Ermenonville, nordeste de Paris, França, em 2 de julho de 1778. filho de Isaac Rousseau, sua mãe morreu poucos dias depois de seu nascimento, em consequência do parto. Ele foi criado por uma irmã de seu pai e por uma ama.

Rousseau não teve educação regular senão por curtos períodos e não frequentou nenhuma universidade. Ainda na casa paterna, leu muito: lia para o pai, enquanto este trabalhava em casa nos misteres de relojoeiro, os livros deixados por sua mãe e pelo pastor seu avô materno. Aos 12 anos volta com o primo a Genebra para começar a trabalhar e Rousseau passa algum tempo na ociosidade, até que o encaminham para um emprego no cartório, onde inicia aprendizado de questões legais com vistas a profissão de advogado. Ele não gostou do emprego e decepcionou o tabelião, que terminou por despedi-lo. O que ganha então emprega em alugar livros a uma senhora que mantinha esse negócio. A vida de Rousseau com Louise, cerca de dez anos mais velha, na plenitude dos vinte, bela de corpo, alegre, dona de belos cabelos louros, para ele mãe e amante. Sem vínculo com ninguém, Rousseau perambula até Paris, ganhando a vida como professor de música. Nesse período Rousseau lê muito e começa a escrever. Porém acha a situação financeira e emocionalmente desconfortável. Ele lutou por manter o cargo por dezoito meses, empenhou-se em exercer bem suas funções, com esperanças de fazer carreira diplomática. Mas o

BIOGRAFIA

Neste trabalho Rousseau mostra a importância da educação natural e ao mesmo tempo renovada, direcionada à pessoa humana, fundamentando-se na liberdade essencial do homem natural.

Para Rousseau o homem é educado para ser homem, tendo uma vida digna, honesta e não somente para conseguir cargos de magistrados ou doutorados. Desta forma tem como superar esta concepção equivocada e ingênua de leitura que ainda existe nas práticas pedagógicas e até mesmo na sociedade, mostrando a necessidade de fazer estudo sobre leitura que é o principal instrumento na formação do educando.

A educação não é somente uma herança que vem passando de uns para outros e sim um processo contínuo, que dura toda a vida. Por isso não se deve forçar a criança a aprender coisas que não tem condições, ou seja, que não esteja de acordo com a naturalidade, pois ela terá o processo de desenvolvimento que será transformado numa vida agradável, equilibrada e natural.

Podemos analisar que a educação é um processo de desenvolvimento integral do homem, desde sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e da personalidade social. através do conhecimento que é transmitido dos livros é que a criança torna-se capaz de aprender a pensar, agir, questionar a si mesma, conseguindo formar aos poucos seus objetivos e construir seu conhecimento através das suas experiências.

Para cada fase são desenvolvidas estratégias de aprendizagem correspondentes e adequadas às capacidades físicas e intelectuais, respeitando assim a infância e a adolescência como períodos de crescimento e desenvolvimento pessoal.

INTRODUÇÃO

ANA MARIA DE CASTRO SILVA

TRATADO DA EDUCAÇÃO

RUBIATABA---2003

Biografia.....	03
----------------	----

Capítulo I

Educação.....	07
---------------	----

Capítulo II

As Fases do Desenvolvimento.....	14
Infância.....	15
Adolescência.....	19
Jovem.....	23
Conclusão	28
Referências Bibliográficas.....	32

SUMÁRIO

Ana Maria de Castro Silva

Tratado da Educação

Monografia defendida e aprovada, no dia 05 de dezembro de 2003, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores:

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos

Orientador

Rogério Vieira Jacinto

Professor

Dedico a Deus, que com seu poder supremo me deu força, coragem, fé para vencer esta jornada.

E também a todos que de uma forma ou de outra se fizeram presente em minha vida e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Em especial a minha mãe, ao meu esposo e filhos que mesmo diante de inúmeras dificuldades não mediram esforços para que eu pudesse conseguir meus objetivos. Sinto a cada instante a importância da presença de vocês em minha caminhada, pois a cada dificuldade que aparece, posso contar com o apoio e a compreensão de vocês.



*Acredite firmemente
No seu gênio criador,
Na força ativa da mente,
Nas maravilhas do Amor...
Quem recebe de nascença
Uma cabeça que pensa,
Um coração para amar...
É feliz por toda vida
Tem riqueza garantida,
Tem tudo que desejar.*

ANA MARIA DE CASTRO SILVA



TRATADO DA EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado a FACER como exigência parcial da Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

S - 30721

RUBIATABA--2003

Tombo n°	8473
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	20-03-04